



Revista de Psicología

ISSN: 0716-8039

revista.psicologia@facso.cl

Universidad de Chile

Chile

Arrial Palma, Yáskara; Neves Strey, Marlene
A relação família e escola: a diversidade familiar compondo o contexto escolar
Revista de Psicología, vol. 24, núm. 1, 2015, pp. 1-17
Universidad de Chile
Santiago, Chile

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26441024004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A relação família e escola: a diversidade familiar compondo o contexto escolar

The school and family relationship: Family diversity composing the school context

Yáskara Arrial Palma y Marlene Neves Strey

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil

Resumo: O presente artigo se propõe a compreender como está sendo exercida a relação entre a escola e as famílias homomaternais, ou seja, as constituídas por duas mulheres que se auto-identificam como lésbicas e suas crianças, sob a ótica das mães. O estudo qualitativo contou com onze mulheres que possuem crianças em idade escolar. Foram utilizadas entrevistas narrativas para coletar os dados trazidos pelas mães e após assinatura do TCLE, as entrevistas foram gravadas e transcritas. As narrações foram analisadas sob a ótica dos estudos feministas de gênero e também da Psicologia Social Sócio-Histórica. Os resultados apontaram que ainda existe preconceito e estigmatizações contra quem está fora da norma heterossexual, porém podem ser identificados avanços na realidade escolar em entender o conceito de família de modo ampliado. Esses avanços podem indicar uma realidade brasileira tornando-se cada vez mais aberta para a ruptura de padrões estereotipados de modos de ser e de viver.

Palavras-chave: gênero, escola, diversidade familiar, preconceito, homomaternidade.

Abstract: This article aims to understand, from the perspective of mothers, how it is being exercised the relationship between the school and the homomaternal families, that is, the ones consisting of two women who self-identify as lesbians and their children. The qualitative study included eleven women who have children of school age. Narrative interviews were used to collect the data brought by the mothers and, after signing an informed consent, the interviews were recorded and transcribed. The stories were analyzed from the perspective of feminist studies of gender and also social and sociohistorical psychology. The results showed that there are still prejudice and stigmatization against those outside the heterosexual norm. However, it is possible to identify advances in school reality to understand the concept of extended form of family. These advances may indicate a Brazilian reality becoming increasingly open to break down stereotyped patterns related to ways of being and living.

Keywords: gender, school, family diversity, prejudice, homomaternity.

Introdução

O cenário das famílias brasileiras tem se modificado ao longo dos tempos. Essa modificação acompanha as transformações que ocorreram com a temática família em diversos países norte-americanos e europeus. São transformações que ampliaram a noção de sentido do entendimento de família e possibilitaram que inúmeros outros entendimentos fossem associados a essa instituição que atravessa a sociedade.

As discussões sobre famílias ocorrem em diversas áreas de conhecimento, como psicologia, antropologia, sociologia, áreas jurídicas, entre outras. Este artigo entende a temática família a partir da psicologia social sócio-histórica (Lane, 2004), que vai atrelar os estudos antropológicos, sociológicos e políticos nas suas concepções científicas. Essa área da psicologia vai tentar entender os fenômenos sociais a partir da sua questão sócio-histórica, do seu transformar ao longo dos tempos.

O movimento dos fenômenos através dos tempos vai propor duas importantes questões, que estão diretamente ligadas na discussão que segue ao longo do artigo. Uma delas é a presença da concepção crítica no entendimento dos conceitos, concepção essa que amplia a percepção dos fenômenos e introduz um olhar questionador para algo dito como natural/normal.

A outra importante questão é a ideia da não naturalização dos fenômenos sociais, adicionando a noção da construção dos mesmos ao longo da história e da cultura em que estão inseridos. Esse modo de conhecer a sociedade permite que um conceito seja interpretado daquele modo naquele momento e local

específico e não que seja tido como algo universal e/ou natural, que sempre tenha sido ou agido de determinado modo.

O entendimento de família, ou de famílias, compreendendo que o conceito não pode ser interpretado somente de um modo, mas de vários, parte do princípio de ter sido construído ao longo do tempo. Essa questão tira o foco da imagem da família nuclear burguesa, construída por volta do século XVI (Ariès, 1981), que naturaliza a família heterossexual, branca, classe média como sendo “a” família e a representante da categoria na sociedade.

Trazendo a representação de família como sendo um casal heterossexual, branco e burguês e tendo esse modelo como natural, pode-se dizer que existem modelos de representações e organizações relacionados ao parentesco, à família e ao matrimônio que se fazem hegemônicos. Essa hegemonia é reforçada por pessoas e instituições que se beneficiam desse entendimento, mantendo a ideologia apresentada pela família nuclear heterossexual (Pichardo Galán, 2009).

Logo, mesmo que existam diversas maneiras de ser e constituir família, ainda há de se conviver com um modelo hegemônico. Mas isso não impediu a visibilização das demais famílias, nem a busca por seus direitos (Palma & Strey, 2012). E esses direitos foram conquistados e se mantém legitimando e empoderando outras organizações familiares, desmitificando a ideia de que família é da ordem da natureza, mas a entendendo como da ordem do social, logo, do construído.

As famílias constituídas por dois pais ou duas mães são uma realidade na sociedade brasileira, assim como em diversos

países do mundo. Desde que passaram à visibilidade com os estudos longitudinais da ciência, na década de noventa nos Estados Unidos e Europa, famílias de gays e lésbicas se fazem presentes na sociedade (Tasker, 2005; Uziel, 2007). Contudo, no Brasil, só foram reconhecidos como família de fato no ano de 2011, quando o Supremo Tribunal Federal reconhece seus direitos como os direitos dos casais heterossexuais (Nichnig, 2013).

A instituição família se transformou, logo, outras instituições sociais precisaram se transformar também, e a escola é uma delas. Estando as famílias constituídas por gays e lésbicas legitimadas, as crianças provenientes dessas famílias foram visibilizadas. A escola passou a conviver então, com muitas outras famílias, que não as tradicionais constituídas por pai e mãe. E a educação brasileira precisou ampliar seus conceitos também.

Este artigo aborda então, as famílias homomaternais, que são constituídas por duas mulheres e seus filhos e filhas (Palma, Krügel, & Strey, 2012) e a relação das mesmas com a temática escola. Levando em consideração que a escola e a família possuem uma estreita associação, é necessário poder compreender como as famílias homomaternais estão percebendo o entendimento das escolas com as suas famílias. Logo, o objetivo do presente artigo é refletir sobre a relação escola e famílias homomaternais na contemporaneidade, com o intuito de entender se as escolas entendem família de modo mais ampliado que heteronormativamente e se as famílias homomaternais sentem-se acolhidas nas instituições de ensino.

A homomaternidade e a escola: diálogos possíveis?

A escola pode ser entendida como um microssistema da sociedade que tem como uma das suas principais tarefas preparar alunos, professores e pais a viverem e superarem as dificuldades de um mundo em transformação, contribuindo na formação do indivíduo (Dessen & Polonia, 2007). Esse entendimento sobre escola a coloca em uma posição de importância na sociedade, pois contribui para a socialização, bem como para o desenvolvimento de cidadãos e cidadãs.

Porém, a escola pode ser vista através de outros prismas também. Inclusive percebida como semelhante ao sistema prisional, que pune, vigia e disciplina os corpos enquanto produz subjetividades (Foucault, 2008). Essa comparação pode, em um primeiro momento, parecer demasiada, pois são mínimas as conotações positivas que se possui de uma prisão, e no que se refere à escola, as conotações positivas ultrapassam de sobremaneira às negativas.

A compreensão da escola como um local que institui sujeitos e os transforma em alienados para a manutenção do *status quo* social é um viés bastante interessante de ser observado e discutido, pois está diretamente associado à questão da manutenção da heteronormatividade que a escola promove. É “natural” que meninos e meninas sejam tratados de maneiras diferentes e compreendidos a partir do seu sexo, mais uma vez caindo no binarismo sexo/gênero (Louro, 2012).

Logo, a manutenção do equilíbrio social é realizada dentro da escola com a reiteração das normas e estereótipos de gênero

(Finco, 2012). Assim sendo, reiterando a manutenção do que é entendido do universo das meninas e o que se entende do universo dos meninos, tem-se, automaticamente, a normativa sexual da heterossexualidade vigente. O binarismo sexo/gênero transpassa a sexualidade, pois o exercício da mesma está atravessado de normativas sociais.

Em um contexto de manutenção da heterossexualidade, quando a sexualidade não segue a normativa, fica colocada à margem, como o modo da escola entender e se relacionar com a homossexualidade. Esse modo está diretamente associado com os comportamentos homofóbicos encontrados na mesma, onde *gays* e lésbicas não encontram um lugar de acolhimento para vivenciarem suas subjetividades em um local interpretado como um facilitador do desenvolvimento social (Junqueira, 2010).

Pensar em uma sexualidade normatizada é entender que o ato sexual e suas práticas constituem o dispositivo da sexualidade, entendido como uma rede de poderes e saberes que atua sob os corpos e direciona os modos de ser e de viver (César, Duarte, & Sierra, 2013). Deste modo, o dispositivo da sexualidade que traz a heterossexualidade como padrão, atua na sociedade com tal incidência que atravessa os discursos científicos, e, com isso, empodera-se, ganhando status de verdadeiro e natural.

Além da escola servir como um aparelho repressor do sistema se utilizando com sutileza de mecanismos que direcionam modos de ser e de viver, provocando inúmeros sofrimentos e até violência com quem não está dentro do padrão, ainda reforça o modelo da família nuclear burguesa. Esse reforço aparece quando se mantém comemorações referentes ao dia

das mães e ao dia dos pais, onde as famílias que não se constituem de tal modo, estão excluídas das tais comemorações (Ceballos Fernández, 2009).

Algumas escolas brasileiras ao invés de comemorarem o dia das mães ou dos pais, comemora o Dia da Família, e nesse dia qualquer cuidador ou cuidadora da criança pode sentir-se homenageado/a (Wagner & Levandowski, 2008). Embora existam essas escolas que não utilizam mais essas nomenclaturas que reforçam o modelo da família padrão e também da heteronormatividade, esse não é o contexto da grande maioria.

A temática escola acaba sendo uma importante questão na vida das famílias constituídas por duas mães ou dois pais, pois muitas vezes é o primeiro passo a ser dado no sentido de apresentar a sua família para a sociedade (Golombok, 2006). Este momento é bastante ansiogênico para pais *gays* e mães lésbicas no sentido de entender a escola como mais uma instituição que está a serviço da manutenção da sociedade do modo como está configurada em sua hegemonia, heteronormativamente.

Escolher uma escola que esteja aberta para a diversidade acaba sendo uma jornada a ser trilhada por muitas famílias homoafetivas. Além de buscar escolas que entendam o conceito de família de modo mais amplo, essas mães e pais também precisam trabalhar o entendimento de seus filhos e filhas dentro de casa, para que possam estar empoderados/as para lidarem com possíveis preconceitos que podem vir a aparecer, tanto da parte dos/as docentes, coordenação ou colegas de classe (Johnson & Connor, 2005).

Em um estudo realizado em Madri (ESP) por Martha Ceballos Fernández, em 2009,

foi constatado que não há consonância de pensamento entre as famílias constituídas por gays e lésbicas e a escola. Foi notado que as escolas desconhecem a realidade das famílias que não estão adequadas à norma heterossexual, ignorando sua existência, ou quando há o reconhecimento dessas famílias, tratam o caso de modo isolado, não as incluindo como outras maneiras de ser família.

A falta de tolerância com o diferente dentro das escolas, mais especificamente a intolerância à diversidade sexual e às famílias homoparentais e homomaternais (Palma, Krügel, & Strey, 2012) possui dados muito relevantes, a tal ponto do termo *bullying* passar a ter sua versão para a sexualidade o *bullying* homofóbico (Dinis, 2011). Sendo que a violência sofrida por alunos por serem gays, lésbicas, transgêneros também se aplica se possuírem pais ou mães não heterossexuais.

E o que resulta dos comportamentos violentos que podem ser vivenciados pelos alunos e alunas ou filhos e filhas é a evasão escolar, chegando até a tentativas de suicídio. Além desses comportamentos manifestos, pode ocorrer o silenciamento como medida protetiva para toda essa discriminação, o que também é considerado um modo de violência (Louro, 2000).

O entendimento da violência que ocorre na escola acaba sendo o resultado de discursos que ainda são atravessados na sociedade e que podem ser constatados em pesquisas, como a realizada pelo IBOPE, em 2008. Nessa pesquisa, 56% dos entrevistados mudariam sua conduta com o colega de trabalho se soubessem que ele é homossexual; 36% não contrariam um homossexual; 45% trocariam de médico se descobrissem que ele é gay; 79% ficariam tristes se tivessem um filho homossexual; 8% seriam capazes

de castigá-lo e 62% acham que o pai deve tentar convencer seu filho a mudar de condição quando descobre que é homossexual (Bortolini, 2011).

Os dados que aparecem nas pesquisas não são nem de perto a interpretação da realidade social, pois se sabe que muitas pessoas nem sempre respondem de modo fidedigno às perguntas realizadas. Logo, a homofobia que aparece na sociedade de modo geral acaba aparecendo na escola também, pois a mesma é uma das instituições sociais mais importantes para o desenvolvimento social. Como trabalhar para combater essa violência e transformar essa realidade acaba sendo tema de grande preocupação escolar.

Sendo assim, o empoderamento de crianças advindas de lares homoafetivos por parte de suas mães e seus pais acaba sendo de fundamental importância, pois vai preparar as crianças para lidarem melhor com a não aceitação por parte de colegas e até de professores/as. Além do preconceito associado com a diversidade de arranjos familiares, existe também a intolerância, a opressão e a discriminação que ocorrem com os alunos e as alunas em função de sua orientação sexual (Mello, Grossi, & Uziel, 2009).

Com o intuito de combater também a violência que ocorre dentro das escolas, o Brasil criou, em 2004, o Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra Gays, Lésbicas, Transexuais e Bissexuais, GLTB, e de Promoção da Cidadania Homossexual Brasil sem Homofobia. A criação desse tipo de programa apresenta uma realidade de preocupação em relação aos direitos humanos, entendendo que é inadmissível que, em um ambiente voltado para a formação e o desenvolvimento de cidadãos e cidadãs, ocorra qualquer tipo violência (Junqueira, 2009).

Logo, para que ocorram transformações sociais, é necessário um tempo bastante grande, porém, para que elas possam ocorrer é necessário que se inicie de algum ponto. As famílias constituídas por duas mães ou dois pais possuem sua visibilidade datada na década de oitenta, na América do Norte e em muitos países da Europa, chegando ao Brasil em meados dos anos noventa/dois mil. Essa visibilidade ocorreu na grande maioria encorajada pelos movimentos sociais que buscavam seus direitos com lutas sociais e reivindicações através dos anos (Uziel, 2007).

Essas famílias que buscaram seu reconhecimento enquanto tais continuam suas lutas e atravessam todas as instâncias sociais, entre elas a escola. Em 2009, uma associação formada por famílias homoparentais da Espanha criou kits de esclarecimentos a respeito de suas famílias e com isso possibilitaram espaços de discussão, para que outras possibilidades pudessem ser pensadas pelas crianças em termos de constituição familiar dentro da escola (Ferrari, 2012).

É possível verificar pontos anárquicos mesmo em lugares que trabalham a serviço do *status quo* social, como a escola, por exemplo. Dentre esses pontos anárquicos, vale destacar uma iniciativa que ocorre desde 2009 no Estado de Santa Catarina, promovida pela Universidade Federal de Santa Catarina - Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades NIGS/UFSC. A universidade promove um Concurso de Cartazes nas escolas públicas, visando a criação artística de cartazes alusivos às questões que envolvem homofobia, lesbofobia e transfobia nas escolas públicas. Esse evento faz parte das ações do dia 17 de maio, que é o Dia Mundial de Combate à Homofobia, que na cidade de Florianópolis desde 2007 é considerado por lei como o Dia

Municipal de Combate à Homofobia, Lesbofobia e Transfobia. Além desse evento, o NIGS/UFSC também promove um curso de formação continuada para professoras/es sobre gênero, sexualidades, homo-lesbo-transfobia nas escolas, mostrando o papel que as universidades possuem na promoção de igualdade e cidadania (Graupe & Grossi, 2013).

A iniciativa da Universidade de Santa Catarina não é considerada como única no território nacional, pois temos muitos outros Estados que também promovem ações na direção de busca de direitos para o público de gays, lésbicas e transexuais, seja através das instituições de ensino, seja através das prefeituras e outros órgãos públicos. Porém, esses pontos ainda aparecem como minoritários no Brasil, pois a desigualdade social que existe, não somente dentro do próprio país como também quando se trata de uma mesma instituição social, possibilita que os avanços referentes ao preconceito e à violência ocorram em algumas escolas e em outras não (Resende, Nogueira, & Nogueira, 2011).

Então, o modo como as escolas entenderão a temática família e como procederão a respeito das diferenças será um ponto importante de discussão tanto para a área da psicologia, como da pedagogia e demais áreas que se interessam pela relação família e escola. Psicologicamente falando, a escola possui uma grande influência ao longo do desenvolvimento de cidadãs e cidadãos, pois apesar do entendimento de que existe uma grande parcela da população que nunca frequentou instituições de ensino, ainda a escola será percebida atravessando as identidades brasileiras (Baibich, 2002).

Torna-se um desafio então, para as instituições escolares, acompanhar as trans-

formações sociais que ocorrem ao longo do tempo, atualizando-se para não se tornarem defasadas e nem ultrapassadas. Dentro dessas atualizações, compreender a flexibilização do entendimento de família, a partir da visibilidade das famílias não hegemônicas é de fundamental importância para que a escola possa de fato estar integrada com seus alunos e alunas e suas realidades.

Método

O estudo seguiu um delineamento qualitativo, de caráter descritivo. Os métodos qualitativos de pesquisa são úteis para quem busca entender o contexto onde algum fenômeno ocorre, pois permitem a observação de vários elementos de uma forma simultânea em um pequeno grupo (Víctora, Knauth, & Hassen, 2000).

Turato (2005) corrobora as questões acima e afirma que a metodologia qualitativa não busca estudar o fenômeno em si, mas entender seu significado individual ou coletivo. Nos métodos qualitativos, o(a) pesquisador(a) volta seu interesse para a busca do significado dos fenômenos, manifestações, ocorrências, fatos, eventos, vivências, ideias, sentimentos, assuntos que moldam a vida das pessoas.

Participaram do estudo onze mulheres constituintes de famílias homomaternais, residentes na cidade de Porto Alegre (capital do Rio Grande do Sul, sul do Brasil) e região metropolitana, levando em consideração o critério de saturação dos dados. A seleção das participantes foi realizada através da técnica *Snowball Sampling* (amostragem por bola de neve), na qual uma participante indica outra e assim sucessivamente (Víctora, Knauth, & Hassen, 2000). Essa técnica é sugerida quando se trata de pessoas que geralmente

convivem em grupos e também pela dificuldade de identificação dessa população em questão, uma vez que, muitas, ainda optam por viver sem o reconhecimento de sua sexualidade.

Para a realização da pesquisa foram utilizadas entrevistas narrativas, uma entrevista por participante; procedimento de cunho qualitativo que não pretende direcionar a fala da pessoa entrevistada. São indicadas para pesquisas qualitativas por serem consideradas não estruturadas e de profundidade. A ideia básica é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva da informante (Jovchelovitch & Bauer, 2002).

A entrevista narrativa necessita de uma situação que encoraje e estimule a entrevistada a contar a história sobre os acontecimentos de sua vida e seu contexto familiar e social. Portanto, a pesquisadora solicitou que as participantes relatassem seu entendimento sobre a relação entre suas famílias e a escola onde suas crianças estavam matriculadas, para entender como se dava a relação entre as instâncias sociais sob o ponto de vista das mães lésbicas.

Os dados das entrevistas foram gravados e transcritos de maneira fidedigna e, em seguida, foram submetidos à análise de discurso. Segundo Gill (2002), não se deve utilizar a análise de discurso, por existirem várias análises de discursos. A autora define *análise de discurso* como sendo o nome dado a uma variedade de diferentes enfoques no estudo de textos, em que se diferenciam em tradições teóricas, tratamentos e disciplinas. A discussão dos dados vai ocorrer ao longo deste artigo sob a ótica das teorias feministas dos estudos de gênero (Colling, 2004; Strey, 2011).

Essa forma de analisar os dados, focando o discurso da participante, procura demonstrar que se constrói a unidade do texto a partir do processo de produção de significado. É pensado num entrelaçar entre o modo de organização textual, levando em consideração o espaço do interlocutor, o momento da enunciação e a história do interlocutor (Celestina & Moraes, 1995).

Os discursos são tratados como práticas que formam os objetos de que falam de uma forma sistemática. São feitos de signos, mas esses signos não são utilizados apenas para designar coisas, mas, além disso, eles ultrapassam a língua e o ato da fala. O discurso é então constituído por um conjunto de sequências de signos, caracterizando enunciados, atribuindo a ele modalidades particulares de existência. É denominado como um conjunto de enunciados advindos de um mesmo sistema de formação (Foucault, 1986).

A linguagem que forma esses discursos não é considerada como algo dado, e a sociedade também não pode ser vista como algo que está em homeostase. Logo, ambas se constituem e se alteram mutuamente. Para analisar o discurso, não podemos separá-lo da sociedade que o produz, tomando-o como um ato social, com suas relações de poder, resistências, constituições de identidades, que estão implicados (Rocha-Coutinho, 1998).

Analizando o discurso produzido através das entrevistas narrativas realizadas com as mães lésbicas, foi possível compreender e visibilizar os sentidos, modos de subjetivação, enfim, modos de viver e perceber a relação de suas famílias com a escola de suas crianças em um mundo contemporâneo. A pesquisadora, focando o discurso e entendendo-o como passível de diversas significações, bem como suas

nuances e vicissitudes, facilitou que essas mães pudessem refletir e compartilhar as questões que permeiam pontos importantes de sua vida.

Os estudos de gênero contribuem para que as relações assimétricas de poder entre homens e mulheres possam ser pensadas e discutidas, diante de construções históricas que colocam as mulheres em um plano secundário, onde o masculino é hegemônico. Através dessas reflexões, podemos perceber que o patriarcado ainda é vigente e norteia grande parte dos comportamentos sociais, embora de maneira sutil, tornando “naturais” modos de ser que oprimem e excluem as mulheres (Colling, 2004).

O estudo foi conduzido de acordo com os preceitos éticos estabelecidos para pesquisa com seres humanos do Conselho Nacional de Saúde. O projeto foi encaminhado à Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS e ao Comitê de Ética da mesma instituição, antes do início da coleta dos dados. O mesmo foi aprovado e possui o registro CEP 11/05689. Antes dos procedimentos serem iniciados, forneceu-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi assinado por todas as pessoas envolvidas (pesquisadora e participantes). Os nomes das participantes foram preservados e se utilizou nomes fictícios para nominar as falas.

Resultados

Os discursos advindos das narrativas das mães aproximam da realidade a temática da homomaternidade vivida dentro das escolas, pois traduzem no cotidiano suas experiências e vivências com seus filhos e filhas. O quadro abaixo organiza algumas narrativas que são discutidas na tabela 1 a seguir:

Tabela 1
Caracterização das participantes e narrativas

Nomes fictícios, idades e ocupação das mães entrevista- das e caracterização das escolas das crianças	Narrativas referentes à relação homomaternidade e escola
Júlia, 43, contadora, escola privada	Agora vem uma nova fase né, ele vai sair da escola infantil e vai começar o curso normal assim, então fica... ficava e ainda continua porque não começou, ainda tem mais um ano nessa escola, mas fica aquela dúvida assim de como vai ser.
Maria, 48, securitá- ria, escola privada	No inicio a gente ficou assim, um pouco... receosa né... por que não sabia na escola como é que ia tratar né, mas ai como a gente se aproximou da (...) e a gente gostou do atendimento deles por que eles também atendem crianças especiais.
Fernanda, 50, pedagoga, escola privada.	Até ia nós duas, mas era a dinda e a mãe entendeu, porque eu sou a mãe né, eu que adotei ela, e a S. é a dinda dela, mas o resto é tudo muito normal assim, pra tudo.
Júlia, 43, contadora, escola privada	Eu não me sinto segura assim... eu sinto que isso é tranquilo, mas eu fico insegura, porque eu não sei... tem um monte de gente louca por aí sabe... eu já não chamo ele de filho... sempre acabo chamando ele de outra coisa assim “amor” ou “querido”.
Renata, 37, auxiliar administrativa, escola pública	Eu acho que principalmente porque a gente lida com muita naturalidade com a situação né... já conheci casais que escondem e orientam os filhos a não dizer que na casa são duas mães e que são duas mulheres e tal, e a gente lida bem.
Joana, 48, aposen- tada, escola privada	Começa que pra gente ser aceita a gente precisa se aceitar e tem que ser verdadeiro né, não pode tá te escondendo porque daí realmente, ai que gera né, porque antigamente tudo era muito escondido, por isso não era aceito quando aparecia alguém, já era uma coisa do outro mundo né, então agora as pessoas estão dando a cara a tapa, estão se mostrando e ai estão sendo respeitadas.
Fernanda, 50, peda- goga, escola privada	Ela uma vez falou que um amiguinho dela disse, que engraçado tu ter duas mães, ai disse que ela falou pro amiguinho... Que tem? É natural ter duas mães, e olha que coisa boa eu tenho duas mães pra me beijar, pra me abraçar.
Júlia, 43, contadora, escola privada	Daí eu tava próxima e ele não viu que eu tava... acho... não me lembro onde é que era, e eu só me lembro da cena assim ele ‘ah eu vou lá perguntar pra minha mãe’ daí ele voltou ‘pras minhas 2 mães tá? Porque eu tenho 2 mães, mas eu não tenho pai’, e aí a pessoa ficou olhando pra ele e ‘tá vai’ e não falou mais nada.
Rafaela, 38, juíza, escola privada	Quando é dia das mães, por exemplo, o J. L. faz dois trabalhinhos, olha que lindas essas almofadas que ele fez pra gente, e a gente adora né.
Maria, 48, securitá- ria, escola privada	Dia das mães também, é bem interessante, por que normalmente é só nós duas que tem né, de duas mães e... então ela sempre faz dois trabalhinhos. As professoras também já sabem, então ela faz dois trabalhos pras duas mães, sabe..(rindo) é bem legal!

Eduarda, 33, gerente administrativa e financeira, escola pública	Eles promoveram uma festa só de confraternização em outubro, que era a festa da família, eu achei bem interessante, e que nós participamos né, então foi uma coisa assim não colocaram específico ah mês das mães, dia das mães, mês dos pais, dias dos pais.
Júlia, 43, contadora, escola privada	Gente não... tipo, tira ele tipo, das atividades ‘ah eu vou tirar ele das atividades pra... porque é dia dos pais, então não vou levar ele na escola...’ porque eles fazem trabalhinhos, eles preparam o que vai ser de lembrança, e coisa e tal, tão sempre envolvido naquele negócio da semana do dia dos pais... e a gente ‘vai tranquilo que quando chegar a hora lá quem vai, vai o teu vô.
Júlia, 43, contadora, escola privada	Eu acho que a gente tem toda essa vantagem, assim, pela classe social, é porque são escolas caras né, tipo assim, são escolas caras, até mesmo a que ele tá hoje assim... é, eu acho caríssima assim e eu acho que isso dá uma ajudada assim, até mesmo... até a questão cultural assim das pessoas que a gente se relaciona né?
Daniela, 42, funcionária pública, escola pública	Elas são de escola pública, acredito que ainda elas não estão preparadas, não existe uma abordagem diferenciada, é tudo muito comum assim, quando te chamam por algum problema, né, que ai tu vai contar a história, né, tu vai contar como é que se deu todo o processo e ai, em cima disso que elas vão ter outro olhar.
Renata, 38, auxiliar administrativa, escola pública	Eu sei de um amigo meu que diz assim ‘a escola do meu filho’... que daí é uma escola particular, top de Porto Alegre ... ‘a escola do meu filho não faz dia das mães/dia dos pais, a ele faz o dia da família’, porque tem essas questões de família né, que as vezes não tem mãe, é uma avó e tal, eles fazem o dia da família, acho que essas escolas assim que estão mais avançadas nesse sentido, mas as escolas públicas estão muito atrasadas.
Maria, 48, seguraria, escola privada	Então a gente se sentiu bem à vontade ali na escola pra abordar este assunto... e a gente sempre foi tratada assim bem.. e elas estão preparadas pra essas mudanças né, tu percebe ali no corpo funcional que eles estão.
Eduarda, 33, gerente administrativa e financeira, escola pública	Eu acredito que está mudando sim porque eu sinto essa evolução, nessas duas escolas que o I. teve, e a B. e ele agora, não só para nós gays, no caso, mas sim para geral, achei bem interessante isso que eles colocaram, de ah os pais não são só pai e mãe, mas são todas as pessoas, tão com o avô, tão com o tio, tão com o amigo, não importa né.
Fabiana, 40, construção civil, escola privada	A escola ainda não tá preparada pra poder, como é que eu vou te dizer, fazer com o que a criança consiga, às vezes, algum trabalho que envolve família, ã, claro, o foco é um casal hetero... homem, mulher, aquela coisa assim, aquela estrutura.
Bianca, 51, administradora, escola privada	Filho, os casais são diferentes, tem... aí explica toda a história, tem mulher com mulher, homem com mulher... e ele tem vários exemplos assim, tipo ele tem um amiguinho dele aqui no condomínio que é o T., que o pai morreu quando a mãe tava grávida ainda... ‘então tu vê o T., ele não tem pai, é que nem tu. A situação é diferente, o pai dele virou estrela.
Daniela, 42, funcionária pública, escola pública	Ela percebeu que tem um menino na turma dela que é mais... Ela disse ah ele parece uma menina né, tá mas e ai tu brinca com ele? Não, a gente brinca... Mas cada um é cada um né, cada pessoa é de um jeito diferente, a gente tem que respeitar. A gente trabalha muito essa questão do respeito.

Discussão

As narrativas das mães apresentadas anteriormente dizem respeito ao cotidiano escolar de seus filhos e filhas, principalmente focando no fato das crianças constituirão famílias homomaternais. Nas falas estão presentes elementos ambíguos, que ora focam nos resultados positivos que encontraram nas escolas onde as crianças estudam e em outros momentos trazem os medos e anseios que sua orientação sexual lésbica ainda carrega na sociedade.

A relação escola e família é bastante importante, pois é na escola que as crianças receberão muitas das influências que auxiliarão na construção das identidades no futuro. Logo, o modo como a escola vai entender a definição de família fará bastante diferença na vida das crianças advindas de famílias homoparentais e homomaternais. E por já terem sofrido alguma forma de preconceito, a relação de seus filhos e filhas com a escola será entendida com bastante apreensão (Golombok, 2006).

Diante da incerteza da aceitação, o receio e o medo em relação à instituição escola e como a mesma receberá a sua família estão presentes nas narrativas das mães. Esses sentimentos estão associados aos dados de violência que ocorrem nas escolas, principalmente relacionados com homoofobia, lesbofobia e transfobia (Junqueira, 2010).

As famílias homomaternais vão compreender a questão da lesbofobia como um fenômeno bastante próximo, pois à medida que se descobriram e que apresentaram a sua orientação sexual lésbica para a sociedade, na maior parte dos casos houve preconceitos e até violência (Tasker, 2005). Então por já terem tido contato com a falta

de tolerância da sociedade brasileira, muitas vezes, não visibilizam para a escola o fato de ser um casal de mulheres.

Algumas narrativas das mães entendem que a escola em questão vai compreender as diferenças em função de já atender crianças com necessidades especiais. Porém, quando há o entendimento de que não serão compreendidas e de que há a possibilidade de suas crianças sofrerem preconceito e discriminação em função da orientação sexual de suas mães ou pais, muitas lésbicas ou gays preferem silenciar sua identidade afetivo-sexual. Porém, segundo pesquisa apresentada por Ceballos Fernández (2009), essa atitude não é positiva nem para as crianças, nem para as mães ou pais, menos ainda para a sociedade em geral.

A associação que aparece entre crianças com “necessidades especiais” e crianças advindas de “famílias homomaternais” chama atenção para o entendimento que ainda predomina na sociedade brasileira, que será o da heterossexualidade como uma regra social, natural e normal. Se as crianças com duas mães são entendidas em função da escola ser uma escola inclusiva, como farão as crianças que frequentarem as escolas que não são nomeadas como tal?

O silêncio em relação à revelação do modo como constituem suas famílias pode ser observado de diversas maneiras, mas o que mais apareceu foi a questão de uma das mães não se assumir como mãe propriamente dita. O não assumir-se ocorreu formalmente em um momento da escola, onde houve uma escolha em não apresentar sua orientação sexual em função do preconceito. Essa invisibilidade em momentos cotidianos, onde a preocupação com a violência torna-se bastante evidente, chega a provocar uma dificuldade da mãe tratar

seu filho como tal. A criança não se caracterizando como filho das duas, não caracteriza também as duas mulheres como um casal, mas sim como amigas ou parentes. E então quando ocorre essa invisibilização, percebe-se que os corpos dóceis de Foucault (2008) se personificam, pois se tornam maleáveis ao manuseio de uma sociedade heteronormativa. O que faz com que a homossexualidade dentro das escolas ainda permaneça no lugar de anormal e patológico e não incorporada ao cotidiano escolar.

Porém, a atitude frente ao preconceito de enfrentamento através de manter em uma sociedade heteronormativa uma família que foge aos padrões torna-se uma atitude que facilita o empoderamento das crianças advindas de lares homoparentais e homomaternais (Pichardo Galán, 2009). O modo de apresentar a família na sociedade e consequentemente, na escola, fará diferença na maneira como a criança vai encarar as datas comemorativas, como dias das mães ou dos pais.

Apesar de existirem escolas que realizarem essa comemoração em um dia único intitulado Dia da Família, a maioria das escolas não o fará. E esse momento pode trazer sofrimentos para a criança advinda de famílias homomaternais e homoparentais, assim como produz em crianças com outras configurações familiares (Wagner & Levandowski, 2008). O dia dos pais nas famílias homomaternais pode ser um problema ou não para as crianças, depende da maneira como o dia é encarado. Pode ter alguém na família que represente a figura paterna, que em muitos casos é representado pela figura do avô ou do padrinho.

Porém, o modo de entender as diferenças familiares, segundo todas as entrevistadas

que possuem suas crianças estudando em escolas particulares, é muito positivo, respeitando as diferenças e trabalhando a existência delas. As falas das participantes em relação às escolas públicas variaram do entendimento de que a percepção da escola em relação às famílias diferenciadas é positiva ao entendimento de que as escolas públicas não estão preparadas para as transformações da sociedade. Dentro da amostra do presente estudo, metade dos casais possuem suas crianças estudando em escolas públicas e metade tendo crianças em escolas privadas.

Apesar de considerar que a discussão em relação à classe social e à escola é de grande relevância (Resende, Nogueira, & Nogueira, 2011), é importante descolar do estigma que as escolas públicas possuem, de ter uma educação de menor qualidade e professores e funcionários menos preparados. As escolas públicas possuem diretrizes do Governo Federal para trabalharem com as questões de diversidade, com vários programas criados que contam com itens relacionados ao trabalho nas escolas, como o Programa Brasil sem Homofobia e os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (Junqueira, 2009).

Logo, mesmo com recursos menores que as escolas particulares, as escolas públicas podem apresentar uma equipe diretiva, professores e funcionários tão competentes e desenvolvidos quanto às privadas. Além das escolas públicas apresentarem atividades associadas com um entendimento mais amplo da temática família, algumas escolas particulares podem apresentar um comportamento preconceituoso e estereotipado também. A fala da participante Fabiana exemplifica esse fato, quando comenta sobre a comemoração das datas como o dia das mães na escola privada que sua filha estuda.

Os resultados positivos referentes às escolas são bastante motivadores no sentido de compreender que a sociedade está caminhando para uma abertura em relação a paradigmas e as estigmatizações. E como método auxiliar para esse resultado social, as maneiras das famílias da diversidade educarem seus filhos e suas filhas contribuem de modo bastante consistente, pois além de suas crianças tornarem-se menos preconceituosos com o diferente, fazem um movimento para que seus/suas colegas e professores/as reflitam sobre a causa também (Johnson & O'Connor, 2005).

As narrativas apresentam também a preocupação que existe dentro das famílias constituídas por duas mulheres para que consigam contribuir na formação de futuros cidadãos e cidadãs que façam parte de uma sociedade mais igualitária. Quando os estudos referentes às famílias da diversidade visibilizaram seus estudos, as principais preocupações dos estudiosos de família eram em relação à criação das crianças por duas mães ou dois pais.

A grande maioria dos estudos longitudinais apontou que a orientação sexual dos pais ou das mães não trazia nenhum aspecto negativo, mas que influenciavam sim na criação de crianças mais flexíveis, menos preconceituosas e mais tolerantes com as diversidades da contemporaneidade (Uziel, 2007).

As experiências relatadas nas narrativas das mães apresentam também que após o momento em que a criança expõe para a turma e para a professora sua constituição familiar, o cotidiano escolar segue sem problemas maiores em relação ao preconceito. Quando as crianças sentem que suas famílias são diferentes das famílias que estão na mídia ou nos desenhos infantis, porém, que essa diferença não acarreta nenhum outro sentimento negativo, pas-

sam a ressignificar o entendimento de seus lares (Johnson & O'Connor, 2005). Os atravessamentos de um patriarcado que ainda direciona modos de ser e de viver dentro da sociedade brasileira ainda torna o empoderamento das mães lésbicas um assunto bastante delicado, colocando-as no papel de sofrerem duplo preconceito em uma sociedade heteronormativa. Além de mulheres, são lésbicas, ou seja, não seguem o padrão da família nuclear burguesa (Strey, 2004).

As narrativas das mães em relação às escolas refletem ainda a existências de estígmas e preconceitos, porém apresentam também uma perspectiva bastante positiva em relação à sociedade brasileira na contemporaneidade. A escola, sendo uma das instâncias sociais que definem modelos e padrões, é um importante indicativo de como está sendo tratada a diversidade familiar e assim, pode lançar subsídios para que reflexões sobre a sociedade possam ser realizadas também.

Considerações finais

A contemporaneidade apresenta as inúmeras transformações sociais ocorridas ao longo dos anos, e nessas transformações está o conceito de família, que não pode mais ser entendido a partir de um modelo heteronormativo. Esse modelo ditou por muitas décadas o padrão familiar, além de ter servido como fator de exclusão ou aceitação de crianças na sociedade dependendo de suas constituições familiares.

O modelo de família modificou-se e com ele a relação família e escola também. Se a família possui uma profunda relação com a escola, entendendo que ambas contribuem para a construção de cidadãos e cidadãs aptos a exercerem seus papéis na sociedade, logo, as transformações na família ocasionaram transformações na escola

também. Essa última necessita entender as configurações das famílias de suas crianças para que possa entender as individualidades presentes nas salas de aula.

Porém, nem sempre essa relação é possível, visto que muitas vezes as realidades das famílias das crianças são invisibilizadas e nem os professores nem a direção percebem que alguns assuntos como o dia das mães, por exemplo, pode ser um grande problema na vida da criança. Além disso, mesmo com o conhecimento que a criança possui sobre ter duas mães ou dois pais, ou apenas mãe ou pai, o assunto diversidade familiar pode ser desconsiderado, entendendo que não é papel da escola trabalhar com essas temáticas nas salas de aula.

A escola exerce um importante papel no desenvolvimento infantil, logo, a maneira como vai trabalhar as questões relacionadas à diversidade será tão importante quanto o modo de entender a diversidade por parte das famílias. Apesar de representar um aparelho ideológico, a escola necessita acompanhar as transformações sociais, logo, terá que modificar as representações que possui de família e também de orientação sexual.

Não basta somente que a família homomaterial ou homoparental trabalhe com suas crianças em casa ou em consultórios psicológicos particulares o empoderamento de sua constituição familiar, mas é de grande importância o modo como a escola lidará com a questão também. A escola é entendida aqui como a principal representante da sociedade para o universo infantil e o modo como colegas, professores e direção abordar os assuntos referentes às questões lésbicas ou gays vai incidir diretamente em como a criança entenderá que a sociedade está respondendo à constituição da sua família.

As narrativas das mães possibilitaram entender que apesar da heteronormatividade, ainda, para ditar os padrões de relacionamento no país, existe uma abertura no entendimento do conceito de família dentro das escolas do sul do Brasil. Porém, este estudo por ser qualitativo, não teve um alcance que pudesse envolver os demais estados brasileiros. Seria de grande importância que mais estudos sobre a relação educação e famílias constituídas por duas mães ocorressem ao longo do país, para que um panorama maior sobre a questão possa ser construído.

É necessário que o governo brasileiro continue estimulando que as discussões relacionadas à diversidade sexual cheguem até as escolas, pois é bastante preocupante que, para que esses assuntos sejam debatidos e trabalhados em aula, dependa-se do bom senso dos professores que ministram as aulas. Diante de uma realidade que apresenta a existência de mais relações que apenas a heterossexualidade, tanto nas configurações familiares como nos próprios bancos escolares, é esperado que a realidade escolar acompanhe a contemporaneidade.

Se uma nação só cresce com uma educação básica sólida, não há como construir uma sociedade preparada para os desafios das décadas que virão se a escola continuar dissociando seu papel com o da família e se colocando à parte de assuntos que consideram “polêmicos”. É preciso que as escolas preparadas para a diversidade não sejam exceções, mas sim a regra da educação. E que a educação possa de fato estar a serviço de uma sociedade mais justa e igualitária e não da reiteração de um sistema patriarcal ainda vigente.

Referências

- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família* (2^a ed.). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Baibich, T. M. (2002). Os *Flintstones* e o preconceito na escola. *Educar em Revista*, 19(1), 111-129.
- Bortolini, A. (2011). Diversidade sexual e de gênero na escola. *Revista Espaço Acadêmico*, 1(123), 27-37.
- Ceballos Fernández, M. C. (2009). La educación formal de los hijos e hijas de familias homoparentales: familia y escuela a contracorriente. *Aula Abierta*, 37(1), 67-78.
- Celestina, V. & Moraes, S. (1995). *A linguística textual e a análise de discurso: uma abordagem interdisciplinar*. Frederico Westphalen, RS: Ed. URI.
- César, M. R. A., Duarte, A., & Sierra, J. C. (2013). Governamentalização do Estado, movimentos LGBT e escola: capturas e resistências. *Educação*, 36(2), 192-200.
- Colling, A. (2004). A construção histórica do feminino e do masculino. Em M. N. Strey, S. T. L. Cabeda & D. R. Prehn (Orgs.), *Gênero e cultura: questões contemporâneas* (pp. 13-38). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Dessen, M. A. & Polonia, A. C. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17(36), 21-32.
- Dinis, N. F. (2011). Homofobia e educação: quando a omissão também é sinal de violência. *Educar em Revista*, 1(39), 39-50.
- Ferrari, A. (2012). Cultura visual e homossexualidades na constituição de “novas” infâncias e “novos” docentes. *Revista Brasileira de Educação*, 17(49), 107-120.
- Finco, D. (2012). Educação infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças: transgredindo as fronteiras de gênero. Em M. N. Strey, A. Botton, E. Cadoná & Y. A. Palma (Orgs.), *Gênero e ciclos vitais: desafios, problematizações e perspectivas* (pp. 43-65). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Foucault, M. (1986). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense.
- Foucault, M. (2008). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.
- Gill, R. (2002). Análise de discurso. Em M. W. Bauer & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: manual prático* (pp. 244-270). Petrópolis: Vozes.
- Golombok, S. (2006). *Modelos de familia. ¿Qué es lo que de verdad cuenta?* Barcelona: Graó.
- Graupe, M. E. & Grossi, M. P. (2013). As ações do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS) e a agenda política de combate à homofobia, lesbofobia e transfobia nas escolas. *Emblemas*, 10(2), 221-233.
- Johnson, S. M. y O'Connor, E. (2005). *Madres lesbianas: guía para formar una familia feliz*. Buenos Aires: Lumen.

- Jovchelovitch, S. & Bauer, M. W. (2002). Entrevista narrativa. Em M. V. Bauer & G. Gas-kell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: manual prático* (pp. 90-113). Petrópolis: Vozes.
- Junqueira, R. D. (Org.) (2009). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco.
- Junqueira, R. D. (2010). “A homofobia não é um problema. Aqui não há gays nem lésbicas!”. Estratégias discursivas e estados de negação da discriminação por orientação sexual e identidade de gênero nas escolas. *Revista de Psicologia da UNESP*, 9(1), 123-139.
- Lane, S. (2004). A psicologia social e uma nova concepção do homem para a psicologia. Em S. Lane & W. Codo (Orgs.), *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Louro, G. L. (2000). *O corpo educado. Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Louro, G. L. (2012). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista* (14^a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Mello, L., Grossi, M. P., & Uziel, A. P. (2009). A escola e @s filh@s de lésbicas e gays: reflexões sobre conjugalidade e parentalidade no Brasil. Em R. D. Junqueira (Org.), *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia na escola* (pp. 159-181). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco.
- Nichnig, C. R. (2013). ¿O casamento e a união estável são “o tesouro atrás do arco-íris”? Notas sobre família e conjugalidade no Brasil contemporâneo. *Revista PerCursos*, 14(27), 33-55.
- Palma, Y. A. & Strey, M. N. (2012). ¡Família: mostra as tuas caras! Apresentando as famílias homomaternais. Em M. N. Strey, A. Botton, E. Cadoná, & Y. A. Palma (Orgs.), *Gênero e ciclos vitais: desafios, problematizações e perspectivas* (pp. 221-243). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Palma, Y. A., Krügel, G., & Strey, M. N. (2012). Mommy and mommy? The narratives of homomaternal families. *Revista Iberoamericana de Psicología: Ciencia y Tecnología*, 5(1), 81-90.
- Pichardo Galán, J. I. (2009). *Entender la diversidad familiar, relaciones homosexuales y nuevos modelos de familia*. Barcelona: Ediciones Bellaterra.
- Resende, T. F., Nogueira, C. M., & Nogueira, M. A. (2011). Escolha do estabelecimento de ensino e perfis familiares: uma faceta a mais das desigualdades escolares. *Educação e Sociedade*, 32(117), 953-970.
- Rocha-Coutinho, M. L. (1998). A análise do discurso em psicologia: algumas questões, problemas e limites. Em L. Souza, M. F. Q. Freitas, & M. M. P. Rodrigues (Orgs.), *Psicologia: reflexões (im)pertinentes* (pp. 317-345). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Strey, M. N. (2004). Ser sujeito ou ser o outro? Algumas reflexões históricas. Em M. N. Strey, S. T. L. Cabeda, & D. R. Prehn (Orgs.), *Gênero e cultura: questões contemporâneas* (pp. 129-148). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Strey, M. N. (2011). Vida de mulher: isto dá muitas histórias. Em M. N. Strey, A. S. Pia-
son, & A. L. S. Júlio (Orgs.), *Vida de mulher: gênero, sexualidade e etnia* (pp. 15-34).
Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Tasker, F. (2005). Lesbian mothers, gays fathers, and their children: A review. *Develop-
mental and Behavioral Pediatrics*, 26(3), 224-240.
- Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições,
diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, 39(3), 507-514.
- Uziel, A. P. (2007). *Homossexualidade e adoção*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Víctora, C. G., Knauth, D. R., & Hassen, M. N. A. (2000). *Pesquisa qualitativa em saúde:
uma introdução ao tema*. Porto Alegre: Tomo Editorial.
- Wagner, A. & Levandowski, D. (2008). Sentir-se bem em família: um desafio frente à di-
versidade. *Revista Textos e Contextos*, 7(1), 88-97.

Fecha de recepción: 18 de septiembre de 2014
Fecha de aceptación: 27 de mayo de 2015